

14-08-2020

BERTOLD BRECHT AINDA VIVE, E SE FAZ CADA VEZ MAIS NECESSÁRIO

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Os imortais, infelizmente, não são “imorríveis”, embora alguns se esforcem para tentar revogar os limites atualmente impostos pelas leis biológicas.

Mas a imortalidade, por certo, não depende de se viver muito, mas, intensamente, e da coerência entre história de vida e ‘produção’. Pode-se viver apenas 58 anos, como o dramaturgo e poeta Bertold Brecht. Nascido em Augsburg, na Alemanha, em 1898, Brecht foi um verdadeiro cidadão do mundo, no sentido figurado e no sentido literal, pois, em função do regime nazista e da 2ª guerra mundial, viveu na Áustria, Suíça, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Inglaterra, Rússia, Estados Unidos, e depois, Alemanha Oriental, até morrer em excursão de trabalho, em Milão, na Itália.

Lembrei-me de Brecht, não apenas porque neste dia 14 de agosto faz 64 anos de sua morte, mas porque sua agitada vida e sua diversificada produção artística foram profundamente influenciados por duas guerras mundiais - ainda que ele fosse um pacifista convicto e rebelde - e pelo seu posicionamento extremamente crítico à evolução do nazismo na Alemanha, que o fez emigrar de seu país, no dia seguinte em que os nazistas tomaram o poder, em 28 de fevereiro de 1933. Ele que havia sido um crítico sutil e mordaz, e que já recebera inúmeras ameaças antes, por certo teria sido preso e morto. Exatamente por isso, escolhi Brecht para esta coluna de “Opinião”, pois vejo nele um paradigma da resistência e luta antinazista e antifascista, que fez das expressões de arte - teatro e poesia - frentes de denúncia, de advertência, de resistência, de tentativas de despertar e iluminar corações e mentes, ao longo de anos extremamente dramáticos para o seu país e seu povo. Qualquer semelhança com o nosso país não é coincidência! Brecht sempre lutou pelas causas sociais, pela justiça social, e por isso se encantou com o socialismo e o comunismo, e viu, à época, que o outubro de 1917 na Rússia e o desenvolvimento da União Soviética poderiam ser um caminho para a libertação da opressão e ascensão da classe trabalhadora. Por este viés, importante parte de sua produção artística foi direcionada ao mundo do trabalho e às lutas de trabalhadores e trabalhadoras. É desta luta (ou nesta luta) que são escritos poemas como **PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ** - talvez um de seus poemas mais lindos e mais conhecidos, escritos em sua estada em Svendborg, na Dinamarca -, mas, também, **CANTO DAS MÁQUINAS, O DINHEIRO, ESSE DESEMPREGO, DESTRUIÇÃO DO NAVIO OSKAWA PELA TRIPULAÇÃO, OS TRABALHADORES DE MOSCOU TOMAM POSSE DO GRANDE METRÔ**, entre muitos

outros. Vale a pena conferir. Sua crítica ao autoritarismo, à violência do discurso oficial, ao militarismo alemão, à intolerância e ao obscurantismo permeiam sua obra no teatro e nas letras. Desta sua militância como intelectual, destacam-se obras como, por exemplo, **POEMAS DE UM MANUAL PARA HABITANTES DAS CIDADES**, que começam com o melancólico e irônico poema **APAGUE AS PEGADAS**, um libelo às violações do Estado democrático de Direito, cuja leitura faz doer o coração de todos nós, e faz identificar semelhanças com o Brasil de hoje. **QUEM SE DEFENDE** é poema da mesma série de denúncias. E o mais impressionante de todos é o poema **CARTILHA DE GUERRA ALEMÃ**, que denuncia a propaganda enganosa, as mentiras que deviam se tornar verdade, proferidas pelo Grande Ditador e por seus ministros. Deste belíssimo poema, trago uma estrofe:

“General, teu tanque é um carro poderoso.

Ele derruba uma floresta e esmaga cem homens

Mas tem um defeito:

Precisa de um motorista.

General, teu bombardeiro é poderoso.

Ele voa mais veloz que um vendaval e carrega mais carga que um elefante.

Mas tem um defeito:

Precisa de um engenheiro.

General, o homem é muito útil.

Ele pode voar e pode matar.

Mas tem um defeito:

Pode pensar.”

Uma de suas mais impressionantes obras no teatro - **A VIDA DE GALILEU** - foi apresentada, primeiramente, em 1937/1938 e depois, em versão revisada, em 1943.

Com grande riqueza cênica e de conteúdo, esta obra recupera situações paradigmáticas da vida de Galileu Galilei (1564-1642), sobre as relações entre Ciência e Sociedade, a força do obscurantismo calcado nas doutrinas católicas do atraso e na luta pela hegemonia da dominação religiosa sobre a cultura. Segundo críticos da obra de Brecht, a **VIDA DE GALILEU** foi escrita para servir de exemplo e conselho aos sábios alemães, tentados a abdicar seu saber nas mãos dos chefes nazistas.

Qualquer semelhança com o Brasil de hoje não é mera coincidência. Assim, a propósito dos 64 anos de sua morte, e havendo sido destacada neste breve ensaio apenas uma ínfima porção da imensa obra de Bertold Brecht, é justo que o revisitemos com mais vagar e profundidade, até para ele nos ajudar nesta difícil quadra da história.

E lembremos de sua advertência:

“Que continuemos a nos omitir da política é tudo o que os malfeitores da vida pública mais querem.”

■ ■ ■

Bibliografia

BRECHT, Bertold. *Poemas 1913-1956*. [Seleção e tradução de Paulo César de Souza]. São Paulo: Editora 34, 2000.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.